

APRENDIZ, DOCÊNCIA E ESCOLA

novas perspectivas

Paulo Meireles Barguil
(Organizador)

In: BARGUIL, Paulo Meireles (Org.). **Aprendiz, Docência e Escola:** novas perspectivas. Fortaleza: Imprece, 2017. p. 59-69.

PROTAGONISMO DISCENTE NA (PÓS-) GRADUAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA PARTILHADA COM/POR UM QUINTETO DOCENTE

Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva (Lilu)

Eduardo Loureiro Jr

Elcimar Simão Martins

Luiz Botelho Albuquerque

Paulo Meireles Barguil

PERGUNTAS INICIAIS (Luiz)

Quais as possibilidades de participação (tipo protagonismo) de estudantes na sala de aula (e futuramente na sociedade), face às práticas e valores sociais relacionados à institucionalização dos mais jovens e à separação entre estudantes e professores, jovens e adultos, aprendizes e ensinantes?

NÃO (SE) ATRAPALHE(M) O MELHOR DE SI MESMO(S) (Eduardo)

A melhor professora que já tive, Luiza de Teodoro, costumava dizer que seu único mérito era não atrapalhar (LOUREIRO JR, 2011, p. 182). E acreditava que “[...] educar é fazer cada um descobrir o que há de melhor em si.” (SANTOS, 2017). Esse cada um poderia ser pensado como cada estudante, mas, com o passar dos meus 25 anos de sala de aula, percebi que o professor também é cada um, que o educador precisa também descobrir o que há de melhor em si!

Se “[...] mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”. (ROSA, 2001, P. 310) e se “[...] ensinar é aprender, de tal modo que professor e aluno são a mesma coisa.”. (FOUNDATION FOR INNER PEACE, p. 517), talvez possamos pensar que o nosso mérito precisa ser: não atrapalhar; não nos atrapalharmos; e colaborar para que aqueles que compartilham a experiência do aprendizado conosco também não se atrapalhem nem atrapalhem uns aos outros.

Paulo Freire escreveu que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.”. (FREIRE, 2009, p. 22). E que possibilidades seriam essas?

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado

em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. [...] é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer. (FREIRE, 2014, p. 14).

Então essas coisas todas, a que damos nomes tão sofisticados (protagonismo estudantil, autonomia discente, sujeitos cognoscentes, planejamento participativo) são, trocando em miúdos, expressões dessa nossa busca conjunta, enquanto seres humanos, pelo que há de melhor em nós mesmos, desatrapalhando-nos uns aos outros.

METADISCIPLINA: MINHA INSÔNIA, MEU AMOR – I (Lilu)

Desde que fiz a disciplina de Didática, em 2014, a professora ligada no automático estar-em-sala-de-aula, espelho e somatória dos professores que mais amei, teve que ser revista. Um novo universo de conhecimentos se abriu, oferecendo passagem. Eu sabia que ia ser professora antes de pensar em ser arquiteta.

E, como arquiteta professora, sempre fui coringa nas muitas universidades particulares que trabalhei, porque o conteúdo não era difícil aprender para ensinar, desde que não fosse matemática. E meu grande prazer era estar ali, na troca, nas relações humanas.

O que eu não sabia é que a Educação é tão vasta quanto a Arquitetura, não imaginava que entrar nesse universo de conhecimentos seria um caminho sem volta, uma mudança estrutural na minha relação com o ensinar e o aprender. Esse início, um pouco biográfico tem uma meta. A metadisciplina. Meta o que?

Tenho como pressuposto que “disciplina” é o título do que vamos aprender na escola. Na primeira linha escrevi disciplina de Didática, nesse semestre dou as disciplinas de Projeto 2 (P2) e de Projeto de Produto 4 (PP4) no curso de Design da UFC.

Não tenho tempo aqui de questionar essa convenção (disciplina?), embora esteja na lista de coisas importantes a fazer. “Meta” traz o sentido de autorreflexão, de transcendência “[...] volta da consciência do espírito, sobre si mesmo, para seu próprio conteúdo por meio do entendimento, da razão.”. (MORAES, 2010, p. 29), como na metalinguagem e na metafísica. Então a metadisciplina é uma disciplina que se reflete.

Temos um duplo sentido a nosso favor. Refletir-se implica tanto uma reflexão racional sobre si quanto um espelhamento. Na reflexão sobre si surgem as

perguntas: como pensar a disciplina com quem está envolvido nela (professores e estudantes)? Como incluir conteúdos de interesse dos participantes na abordagem da ementa? Com que métodos desenvolver um processo pedagógico que engendra a si mesmo?

E o espelho, que era reflexo da referência de meus professores preferidos, é voltado aos estudantes que se tornam co-responsáveis no desenvolvimento da disciplina, da metadisciplina, que se constrói enquanto é ministrada. Inevitavelmente o protagonismo estudantil é acionado.

A carga pesada de um pseudo domínio de conhecimentos específicos e a definição estrita dos infinitos conteúdos possíveis sai das costas do professor. Em tempo, tempos da “Era da Informação”, definida em tomos por Castells na virada deste século. Quem se atreve a competir com o Google?

A metadisciplina é aplicada como um experimento desde 2014, simultaneamente à sua elaboração. Já temos resultados em Métodos de Representação (2014.2); Semiótica (2015.1, 2016.1 e 2017.1) e Projeto de Produto IV (2015.2, 2016.2 e 2017.2). Em cada experiência uma nova elaboração. Mais perguntas. Mais investigação.

No segundo semestre de 2016 tive minha primeira atuação como professora na Educação (Faculdade de Educação – FACED da UFC), na disciplina “Configurações Contemporâneas de Espaços-Tempos, Sociedade e Composição Humana” ministrada na Pós-Graduação em Educação, que acolhe a proposta da metadisciplina como parte de um experimento didático que inclui a junção de estudantes de Graduação, de Pós-graduação e mais quatro professores doutores da área da Educação. Quando a metadisciplina passa a ser pensada na própria Educação ela se torna uma meta-metadisciplina?

INDISCIPLINA¹: MEU SONHO, MEU VIGOR!² (Paulo)

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (FREIRE, 2009, p. 107).

1 Significa não somente falta de desobediência, insubordinação, rebeldia, mas, principalmente, estar dentro, imerso, percebendo-se criador e fruidor da experiência educacional, a qual não possui uma ordem definida, pois que pode ser, a todo momento, modificada, assim como a vida.

2 Título inspirado no rótulo da seção escrita pela Lilu. ;-)

Durante meus 11 (onze) anos de docência na UFC, algumas vezes tive a oportunidade de dividir a responsabilidade da docência com colegas – dupla, trio e quarteto – ora na Graduação³, ora na Pós-Graduação⁴.

Em 2014.1, ministrei com Botelho as disciplinas Espaços-Tempos e composição humana⁵ (Graduação) e Espaços, tempos, movimentos, formas, cores, sonoridades como experiências formadoras (Pós-Graduação), sendo a primeira vez eram aglutinados estudantes de diferentes etapas da Educação Superior.

No semestre letivo seguinte, lecionei com Botelho e Ismael as disciplinas Educação e Cinema (Graduação) e Seminário Temático II e IV – Educação e Cinema (Pós-Graduação), reunindo, mais uma vez, discentes em momentos distintos na Educação Superior.

Em todas essas sete ocasiões, a organização das aulas e a responsabilidade pelo processo de ensinar eram dos professores, tal como é esperado por uma secular tradição educacional escolar.

Em 2016.2, convidei os professores doutores Eduardo Loureiro Jr, Ana Lúcia Vieira (Lilu) e Elcimar Martins para ministrarem comigo e o Luiz Botelho as disciplinas, que seriam ministradas conjuntamente, Espaços-Tempos e composição humana (Graduação) e Configurações Contemporâneas de Espaços-Tempos, Sociedade e Composição Humana (Pós-Graduação), sendo essa vinculada ao eixo temático Aprendiz, Docência e Escola.

O que esperar de um quinteto docente, com indivíduos de trajetórias pessoais e acadêmicas tão distintas? Será que nos sentiríamos a vontade para expressar os nossos saberes? Será que conseguiríamos harmonizá-los? Caso não, quem seria o maestro?

Havia, porém, outro desafio, muito provavelmente, ainda maior: queríamos que os estudantes assumissem a responsabilidade pelo seu aprendizado a partir da

3 Trio: Educação e Cinema (com Bernadete Porto e Ismael Furtado – 2013.1) e Dupla: Educação e Cinema (com Eduardo Loureiro Jr. – 2015.1)

4 Trio: Didática do Ensino Superior (com Ana Iorio e Luiz Botelho – 2007.2); Quarteto: Didática do Ensino Superior (com Ana Iorio, Carmensita Passos e Luiz Botelho – 2008.2) e Dupla: Didática do Ensino Superior (com Bernadete Porto – 2009.2).

5 Disciplina optativa de 4 créditos, ofertada pela primeira vez em 2014.2. Ela se origina da disciplina Pedagogia do espaço, de 2 créditos, inspirada em Barguil (2006), a qual tinha como objetivos: i) analisar numa perspectiva sistêmica, a partir do olhar de várias ciências, a relação Homem-Espaço; ii) refletir sobre a relação entre escola e currículo; e iii) identificar as conexões entre Educação e Arquitetura. A nova configuração amplia a proposição inicial, seja incluindo no título a dimensão tempo, seja explicitando o fato de que cada um compõe a si mesmo e a realidade (BARGUIL, 2014), além de enfatizar os vínculos entre as dimensões emocional, corporal e racional do ser humano.

formulação, por cada um, de 3 (três) coisas – batizadas de quereres – que eles gostariam de aprender durante a disciplina.

Os universitários tinham, portanto, o direito de escolherem o que iriam aprender na disciplina, bem como, ao mesmo tempo, aceitavam a incumbência de se empenharem na sua materialização.

Depois de anos de Educação – escolar ou não – que objetiva a heteronomia, como eles se sentiriam tendo o direito de escolher, de constituírem a sua autonomia (BARGUIL, 2017)? Será que eles gostariam desse desafio? Que (re)ações eles teriam quando percebessem que ninguém iria mandá-los fazer ou estudar algo? Como eles se organizariam para alcançarem o que estabeleceram? Que papéis os professores desempenharíamos nessa nova configuração acadêmica? Como discentes e docentes desfrutariam – ou não... – do privilégio de construir, a cada momento, a indisciplina?

Foram essas e outras perguntas que surgiram durante o planejamento desse componente curricular. Numa futura produção, iremos socializar algumas respostas, mas a seção seguinte apresenta um aperitivo...

Canção do novo mundo Beto Guedes e Ronaldo Bastos

Quem sonhou
Só vale se já sonhou demais
Vertente de muitas gerações
Gravado em nossos corações
Um nome se escreve fundo
As canções em nossa memória vão ficar
Profundas raízes vão crescer
A luz das pessoas me faz crer
E eu sinto que vamos juntos

*Oh! Nem o tempo amigo
Nem a força bruta
Pode um sonho apagar*

*Quem perdeu o trem da história por querer
Saiu do juízo sem saber
Foi mais um covarde a se esconder
Diante de um novo mundo*

Quem souber dizer a exata explicação
Me diz como pode acontecer
Um simples canalha mata um rei
Em menos de um segundo
Oh! Minha estrela amiga
Por que você não fez a bala parar?

CENAS DE DODISCÊNCIA⁶ (Elcimar)

Em uma tarde de planejamento entre os cinco docentes – Botelho, Eduardo, Elcimar, Lilu e Paulo – antes do início das aulas da disciplina “Espaços-Tempos e Composição Humana”, conversamos sobre nossos quereres em relação à disciplina e decidimos algumas coisas que dizem respeito ao protagonismo estudantil, à importância de valorizar e utilizar diferentes linguagens além da verbal, especialmente a sonora, corporal e espacial.

Combinamos que a abertura das aulas seria com música, que deveríamos trazer em todas as aulas atividades com o corpo e atentarmos à composição e uso do espaço. Decidimos também construir um mural de quereres e começamos com os 4 (quatro) itens da ementa em uma composição bidimensional. Ajustamos ainda que todas as aulas seriam registradas através de fotografias e de memória elaborada por um trio de estudantes e socializada na aula seguinte.

A canção “Preciso aprender a só ser” de Gilberto Gil deu a tônica à primeira aula e ao que viria a ser a disciplina. Afinal, “*Sabe, gente. É tanta coisa pra gente saber. O que cantar, como andar, onde ir. O que dizer, o que calar, a quem querer.*”. Assim, docentes e discentes foram instados a fazer escolhas, elegendo prioridades para a disciplina e para o processo formativo dos sujeitos, que é individual, mas também coletivo.

A sala de aula transformou-se em espaço-tempo de partilha e de (re) elaboração do conhecimento. “*E quando escutar um samba-canção. Assim como: ‘Eu preciso aprender a ser só’. Reagir e ouvir o coração responder: ‘Eu preciso aprender a só ser.’.*”. Fomos aprendendo a ser mais gente, mais paciente, mais tolerante com os tempos de cada um e de todos, pois

6 Dodiscência enuncia que a partilha não ficou restrita ao quinteto docente, mas foi ampliada com a participação dos discentes, contemplando a diversidade cultural na sala de aula e desenvolvendo práticas pedagógicas emancipatórias. Ou seja, quem iria ensinar aprendeu (e muito) e quem estava lá para aprender teve a oportunidade (e a responsabilidade) de também ensinar.

Juntamente com seu saber, sua cultura individual e coletiva, o professor leva consigo para a sala de aula sua história de vida e sua visão de mundo. A forma de conduzir os conhecimentos específicos de sua área de estudo, a relação com os alunos e a avaliação que utiliza passam pela visão de ciência que possui, pela concepção de aluno, de escola e de educação que acumulou no decorrer das experiências vivenciadas. (PIMENTA; LIMA, 2009, p. 157).

A experiência de partilha coletiva entre docentes e discentes permitiu planejar, executar e avaliar as aulas. Com isso, algumas vezes, os professores mais ouviram do que falaram, proporcionando um ambiente favorável à autonomia discente e novos significados para a relação docente-discente.

Os docentes oportunizaram situações diversificadas de aprendizagem, fazendo as devidas mediações e estimulando os estudantes à pesquisa, à busca, à construção de novos conhecimentos (MARTINS, 2014). Com isso, “*Refletimos sobre nossa importância em fazer parte do grupo, em cooperar com a harmonia do conjunto.*”. (Depoimento de uma estudante).

As propostas das aulas eram sempre construídas no coletivo e, nesta perspectiva, os discentes assumiram um papel central no próprio desenvolvimento das aulas, evidenciando o protagonismo estudantil no envolvimento e compromisso na realização das atividades combinadas.

O trecho da estudante ressalta a importância do trabalho coletivo como espaço-tempo de convivência e de partilha de saberes, afinal, grupo é um “[...] conjunto de pessoas capazes de se reconhecer em sua singularidade e que estão exercendo uma ação interativa com objetivos compartilhados.”. (OSORIO, 2008, p. 57).

Nesse espaço-tempo de aprendizagem coletiva, houve experiência física e sonora sobre como cada um se vê e se dá a ser visto, ao som de “Estrada do Sol” (Tom Jobim, interpretada por Vanessa da Mata) “*Quero que você / Me dê a mão / Vamos sair por aí / Sem pensar / No que foi que sonhei / Que chorei, que sofri / Pois a nova manhã / Já me fez esquecer / Me dê a mão / Vamos sair pra ver o sol.*”. Os estudantes se organizaram em pequenos grupos, que foram se alternando e se fortalecendo ao longo das aulas.

Gradativamente, foi sendo vivenciado um trabalho coletivo e colaborativo nas aulas, estudantes e professores aceitando as propostas e as ações uns dos outros, como dizia Rosa (2001, p. 327):

Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente - o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

O trabalho coletivo proporcionou aprendizagens várias, oportunizando inclusive o ensaio de um processo de evolução da autonomia para autogestão da disciplina a partir dos próprios discentes, conforme sinaliza o excerto abaixo retirado do grupo da turma no *Facebook*:

Boa noite,
Repasso alguns informes gerais sobre o próximo encontro, que será realizado no dia 20/09/16. Aproveito para comunicar para aqueles/ aquelas que não estiveram hoje na aula, que no nosso próximo encontro as atividades do dia serão planejadas, organizadas e coordenadas por nós (discentes :D). Esse foi um convite, um desafio e uma oportunidade oferecida a nós, por nossos professores e professora. Oportunidade de pensarmos o nosso próprio espaço-tempo da disciplina e as várias linguagens que anunciamos querer aprender/desenvolver (Fragmento da postagem de um estudante).

Os estudantes viram a possibilidade de conduzirem a aula como o desenvolvimento de autoformação, de um projeto coletivo compreendido como democratização do conhecimento. Isso gerou confiança no coletivo discente e o estabelecimento de uma ação refletida, tendo a sala de aula como ponto de partida e de chegada.

Os estudantes elaboraram e partilharam com o coletivo o planejamento da aula, deixando algumas surpresas para nós docentes. Para tanto, começaram a se organizar em grupos menores, por *WhatsApp* e no *Facebook*. Essa experiência revelou que a formação inicial não precisa ficar restrita à aquisição de técnicas e conhecimentos, mas pode ser assumida como espaço-tempo de socialização e construção da identidade profissional.

Isso implica um investimento pessoal e coletivo, estimulando aos estudantes uma perspectiva crítico-reflexiva, que favoreça “[...] os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada.”. (NÓVOA, 1995, p. 25).

7 Paulo criou no *Facebook* o grupo secreto “Espacos-Tempos e Composição Humana (2016.2)” e o Botelho comentou: “Caros, na Pós-Modernidade, nada como um grupo secreto para socializar e tornar visíveis as coisas.”.

Muitas vivências em sala de aula nos tiraram de nossa zona de conforto, nos impulsionando a ser guiado pelo outro, o que permitiu “[...] fazer algumas relações com minha vida profissional enquanto professora. Somos responsáveis por conduzir outras pessoas que confiam em nós e esperam o melhor.”. (Depoimento de uma estudante).

METADISCIPLINA: MINHA INSÔNIA, MEU AMOR – II (Lilu)

Voltando ao protagonismo estudantil e aos motivos de minha atual insônia. Neste começo de semestre (2017.2), na proposta de metadisciplina em PP4, houve uma resistência. A maioria dos estudantes se colocou em um lugar passivo de observador: será que “isso” dá certo? E “isso” me trouxe muitas questões que compartilho aqui. O que é dar certo? Por que a resistência? Seria insegurança, fruto de uma domesticação quase irresponsável que o ensino tradicional induz? Será porque em muitas metodologias de projeto no curso de design os estudantes recebem caixas de modos fazer onde não há espaço para observar/identificar/questionar o próprio método? É mesmo mais fácil cumprir uma ordem dada, passar de ano, fazer uma prova e ficar livre dessa disciplina? É preferência uma atividade que não induz a encontrar, formular, identificar perguntas? Um trabalho que não dá o trabalho de perguntas fundamentais? O que eu quero aprender? Ou o estudante não sabe o que quer e se sabe, não sabe como realizar “isso” de forma compartilhada? Precisamos visualizar o caminho para dar um próximo passo? É preciso uma sistematização? Uma estrutura onde a proposta do desenvolvimento da autonomia e da autogestão esteja planejada, ou o planejamento deve ser aberto?

Ainda busco respostas nas noites em claro, nos pontos de vista dos estudantes, nas experiências de outros docentes, no labor ora cansativo de uma prática insistente ora saboroso dos saberes alheios, onde aprendemos no processo de nos transformar.

QUASE RESPOSTA (Luiz)

A partir da crítica à construção social do conceito duplo-mútuo-integrado de estudante-professor, e buscando superar a pressuposição da incapacidade (e talvez incompetência infantis e juvenis), procuramos experimentar níveis variados de participação protagônica estudantil na condução de processos decisórios no âmbito de uma disciplina.

Concluimos que uma abordagem estético-afetiva-sócio-histórica-cultural permite compreender como o desenvolvimento do conceito de “estudante-professor-aprendizes ambos” somada à adoção de critérios de planejamento participativo poderão promover maior aproximação entre “aprendizes de todos os matizes” e suas formas de compartilhar projetos, saberes, afetos, responsabilidades e compromissos, mesmo no âmbito de uma matriz restritiva como uma disciplina acadêmica.

REFERÊNCIAS

BARGUIL, Paulo Meireles. **O Homem e a conquista dos espaços** – o que os alunos e os professores fazem, sentem e aprendem na escola. Fortaleza: Gráfica e Editora LCR, 2006.

_____. Eu, pedagogo de mim! In: BRANDÃO, Maria de Lourdes Peixoto; MACIEL, Teresinha de Jesus Pinheiro; BEZERRA, José Arimatea Barros (Orgs.). **Pedagogia UFC 50 anos**: narrativas de uma história (1963-2013). Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 255-277.

_____. **Autônomo ou autômato?** Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.cronicadodia.com.br/2017/03/autonomo-ou-automato-paulo-meireles.html>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

FOUNDATION FOR INNER PEACE. **Um curso em milagres**. Disponível em: <www.sintoniasaintgermain.com.br/Um-Curso-Em-Milagres-Completo.pdf>. Acesso em: 24 de set. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. Canção do novo mundo. Intérprete: Beto Guedes. In: **O Talento de Beto Guedes**. EMI, 1985. Faixa 20.

LOUREIRO JR, Eduardo. As escritas do agente: um sentir é do sentente; outro é do sentidor. In: YUNES, Eliana (Org.). **Leitores a caminho**: formando agentes de leitura. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2011. p. 173-186.

MARTINS, Elcimar Simão. **Formação contínua e práticas de leitura**: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MORAES, Dijon. **Metaprojeto**: o design do design. São Paulo: Blucher, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

OSORIO, Luiz Carlos. **Psicologia grupal**: uma nova disciplina para o advento de uma era. Porto Alegre: Loyola, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Fabiano dos. Luiza de Teodoro: a arte de educar com amor e amizade. *Jornal O Povo*, Fortaleza, online, 4 set. 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/opinioao/2017/09/fabiano-dos-santos-piuba-luiza-de-teodoro-a-arte-de-educar-com-amor.html>>. Acesso em: 24 set. 2017.